

A DIDÁTICA E A PRÁTICA DE ENSINO: SUA NATUREZA E SEU OBJETO DE ESTUDO (1)

María José Baltar

A natureza e o objeto de estudo da Pedagogia têm sido postos em questão. Existe de fato, uma Ciência da Educação ou cabe à Pedagogia, somente, aplicar ao ato educativo as conclusões de outras ciências, muitas vezes constituindo uma matéria sob a epígrafe de Fundamentos da Educação?

Saviani responde a essa questão:

O homem, necessitando produzir, continuamente, sua existência, transforma a natureza, trabalha, cria o mundo da cultura. Realiza trabalho material quando produz bens materiais que garantem sua existência material. E realiza trabalho não material quando antecipa em idéias os objetivos de sua ação. Constituem trabalho não material: o conhecimento das propriedades do mundo real (a ciência); sua valorização (a ética) e sua simbolização (a arte). Essa produção não material se apresenta em duas modalidades: ou o produto se separa do produtor (como o livro) ou o produto não se separa do ato de produção. A educação é um exemplo dessa segunda modalidade de trabalho não material. Refere-se a conhecimentos, idéias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades, mas não em si mesmos, pois, nesse caso, são objeto de estudo de outras ciências. O objeto de estudo da Pedagogia é o trabalho educativo — o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que

(1) Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Recife, março de 1987.

é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Daí ter como objetivos — identificar os elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos e, ao mesmo tempo, descobrir as formas mais adequadas para atingir esse objetivo, organizando os meios, sejam conteúdo, espaço, tempo ou procedimento. (SAVIANI, pp. 1 e 2).

A educação é, portanto, um processo, algo que se realiza nos indivíduos, nos grupos, nas sociedades, para produzir a humanidade.

Mas a educação também é, hoje e entre nós, um sistema, pois institucionalizou-se, surgiu a escola e esta se multiplicou, se desdobrou, se organizou em um vasto e complexo sistema educacional.

Tornou-se, assim, a educação um importante setor da sociedade contemporânea, envolvendo ou atingindo uma grande população, seja diretamente, como alunos e professores, seja indiretamente, como pais ou empregadores.

O núcleo fundamental desse processo, o objetivo principal desse sistema e a ação substantiva desse setor é o ensino, que é o objeto de estudo de duas das disciplinas pedagógicas — a Didática e a Prática de Ensino.

Mas que é o ensino, que é o ensino escolar?

É a ação do professor junto a um conjunto de sujeitos em situação de aprendizagem, isto é, uma classe. Essa finalidade — a aprendizagem — constitui a especificidade do ensino, distinguindo-o de outras atividades realizadas em grupos de composição semelhante.

Analisando a situação de aprendizagem, vemos:

- alguém, o aprendiz deseja realizar alguma coisa, mas não sabe como fazê-lo;
- esse aprendiz pratica, realiza uma adequada atividade, até atingir seu objetivo;
- um novo desempenho é incorporado, pelo menos por algum tempo, ao acervo de capacidades do aprendiz.

Daí as duas questões básicas do ensino:

- que objetivos, através de que conteúdo, serão trabalhados por aqueles determinados alunos, com suas características pessoais, de classe social, de família,

com suas condições de vida, sua aprendizagem anterior e seu nível de motivação?

- que processos de ensino serão utilizados por aquele professor, inclusive na avaliação da aprendizagem de seus alunos, consideradas, também, suas reais condições e possibilidades?

O grande problema do ensino é, pois, a interação aluno, professor e matéria.

Macmillan e Garrison, propondo um conceito de ensino que denominam “erotetic” (erotemático, em português) escrevem que essa interação deve se dar sob a forma e o conteúdo de perguntas dos alunos a serem respondidas pelo professor ou através de algum esforço cooperativo de professor e alunos.

Não é que sempre o aluno faça explicitamente a pergunta ou que o professor acredite que desejaria fazê-la, mas que o professor acredite que o aluno *deve* fazer a pergunta. Então a aula será a resposta a uma pergunta ou conjunto de perguntas que os alunos *devem* fazer. Os autores definem esse *deve* como epistemológico, isto é, a pergunta é uma exigência intelectual, é aquela que os alunos estão, intelectualmente, em condições de fazer. Não é um dever moral, mesmo porque as decisões sobre o que ensinar são baseadas em muitos fatores não intelectuais: objetivos ou propósitos mais gerais, o contexto da questão e o contexto social, cultural e institucional em que o ensino está se realizando. Decisões que, na prática, esclarecem os autores, são tanto políticas como pedagógicas, a análise erotemática enfatizando, somente, uma das dimensões do ensino (MACMILLAN e GARRISON pp. 157-161).

A dimensão metodológica é uma das dimensões de nossas disciplinas, a Didática e a Prática de Ensino, dimensão importante que não pode ser esquecida, mas que não pode ser a única considerada, como vinha sendo, e continua a ser muitas vezes, como decorrência de uma determinada visão política do professor.

Quando se trata, exclusivamente, dos aspectos técnicos do ensino, numa artificial e ilusória busca da neutralidade, se está, de fato, assumindo uma posição conservadora — as inovações propostas são restritas e superficiais, não atingindo a ação da escola em sua totalidade e, portanto, não ameaçando, de nenhuma forma, a ordem estabelecida.

Contestando essa posição tecnicista, passou o ensino a ser estudado de modo contextualizado, consideradas as variáveis econômicas, sociais, culturais e políticas que, não só nele interferem, como são seus elementos constitutivos.

A escola, segundo José Carlos Libâneo, passou a ser vista como "a mediadora entre o aluno e o mundo da cultura", cumprindo esse papel "pelo processo de transmissão/assimilação crítica dos conhecimentos, inserida no movimento da prática social concreta dos homens que é objetiva (uma vez que ocorre no contexto das relações sociais) e histórica (porque configura-se conforme o modo como é produzida a existência humana numa etapa histórica determinada)" (LIBÂNEO, p. 134).

Mas, na palavra de Cury, "só é possível ver o mundo sob uma ótica crítica, tal como se dá sob o capitalismo, quando se assume o ponto de vista de uma concepção que detecta as contradições e as interpreta em função da superação das mesmas na prática social transformadora". (CURY, pp. 121-122.)

Se o ensino, contextualizado socialmente, é o objeto de estudo da Didática e da Prática de Ensino, objeto de estudo único das duas disciplinas, então, o que as distingue?

Para dar uma resposta a essa questão, precisamos refletir sobre a relação teoria-prática, na Pedagogia.

Segundo Caio Prado Junior, "a ciência não se constrói com a simples contemplação passiva dos fatos, sejam os da natureza física e orgânica, sejam os do Homem. É preciso observar seu comportamento quando deliberadamente provocados.... Ora, na elaboração do conhecimento do Homem, aquela... provocação... é possível e somente possível em proporções apreciáveis, na ação direta e pessoal do observador dentro dos fatos sociais. E é por isso que na elaboração do conhecimento do Homem, *pensamento e ação, teoria e prática* têm de andar unidos e confundidos." (PRADO JUNIOR, p. 447.)

Essa verdade que é óbvia para todas as ciências humanas, torna-se de uma obviedade gritante para a Pedagogia. Nela, na palavra de Schmied-Kowarzik, a relação teoria-prática, seria, assim, descrita: a teoria investigaria a prática sobre a qual retroagiria mediante os seus conhecimentos adquiridos. A prática configuraria de início o ponto de partida do conhecimento, base da teoria, graças à qual se tornaria, contudo, uma prática orientada conscientemente. Prática e teoria, portanto, dependeriam e seriam referidas inevi-

avelmente uma em relação à outra. (SCHMIED-KOWARZIK, pp. 10-11).

Mas, como esclarece o mesmo autor, a Pedagogia tem uma posição única quanto a essa relação. As demais ciências estudam situações, de fato, *dadas*. No caso da Medicina, por exemplo, trata-se de traduzir, na prática, o conhecimento disponível sobre a doença e seu combate com a finalidade da cura. O médico, observando os sinais que o guiarão no diagnóstico e aplicando seus conhecimentos no tratamento, fica fora do desenrolar da doença que se dá no organismo de seu paciente. Os fatos pedagógicos, diversamente, não são *dados*, mas vivenciados, dirigidos e, de certo modo, produzidos pelo professor. Daí o que Schmied-Kowarzik chama a "relação dialética constitutiva" entre a teoria e a prática pedagógicas. Nas decisões e posicionamentos pedagógicos, os professores devem se servir do saber científico, mas não devem se apoiar, exclusivamente, nesse saber, mas se apoiar, também, na prática educativa que estão vivenciando (SCHMIED-KOWARZIK, pp. 11-12).

Daí ser tão conflitiva a relação teoria-prática, na Pedagogia. Conflitiva, como mostra Schmied-Kowarzik:

- com relação à prática da educação, na elaboração teórica das experiências práticas, para determinar os procedimentos subseqüentes do educador;
- com relação à pesquisa educacional, nas dificuldades específicas que surgem, quando se pretende elucidar a prática;
- e, finalmente, o que mais nos interessa aqui, com relação à formação dos professores, no encadeamento da teoria e da prática, na compreensão teórica da prática e na condução da prática através da teoria. (SCHMIED-KOWARZIK, p. 10).

A existência, em nossos cursos de formação do professor de duas disciplinas tendo o mesmo objeto de estudo é, assim, justificada: na Didática seria tratada a teoria, ou pelo menos haveria predominância da abordagem teórica do ensino, enquanto que na Prática de Ensino, como explicita seu próprio nome, seria considerada a prática, ou pelo menos haveria predominância da abordagem prática. Seriam, portanto, duas disciplinas com um único objeto de estudo — o ensino, mas de natureza diversa.

Nessa distinção, porém, não estaremos esquecendo aquela "relação dialética constitutiva" de que trata Schmiel-Kowarzik, relação existente em toda a Pedagogia e que surge, com muita força, na Didática?

Perdendo de vista essa relação, isto é, esquecendo que os fatos pedagógicos não são estudados de fora pelo professor e que ele participa desses fatos, aconteceria com a Pedagogia, são palavras do autor citado, "o mesmo que ocorreu com a Ciência Política, outrora também uma ciência prática que perdeu qualquer capacidade de influir na praxis política, enquanto ciência do conhecimento histórico e sociológico ou ciência expositiva jurídica, ou, então — o que é mais provável — se tornaria, como a Medicina, uma ciência profissional pragmática do professor, mera transmissora de conhecimentos para o domínio das aptidões técnicas e artesanais da orientação do ensino, submetido a objetivos determinados politicamente. (SCHMIED-KOWARZIK, p. 12)

Essas palavras dão, a meu ver, uma valiosa pista para esclarecimento do problema do ensino da Didática, a qual tende a, ou ficar em elucubrações teóricas distanciadas da prática escolar, ou se reduzir ao estudo de técnicas, muitas vezes, verdadeiras receitas, semelhantes às usadas na arte culinária.

Como conclusão, propomos:

A disciplina Didática se transforme em um momento de estudo do ensino, em sua relação dialética constitutiva teoria-prática: uma observação ou, melhor ainda, uma vivência do ato de ensinar e uma reflexão sobre o mesmo, tendo em vista sua eficiente execução, no grupo e no contexto social em que se realiza. E que se dê à Prática de Ensino o caráter de um real estágio supervisionado, no qual o futuro professor comece, gradualmente e sob orientação, a atuar em uma escola, quando terá a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos em todo o seu curso de formação pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CURY, C.R.J. *Educação e contradição*, São Paulo, Cortez, 1985.
LIBÁNEO, J.C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. S. Paulo, Loyola, 1985.

- MACMILLAN, C.J.B. e GARRISON, J.W. An erotetic concept of teaching *Educational Theory*. New Brunswick, 33(3-4): 157-166, 1983.
PRADO JUNIOR, Caio. *Dialética do conhecimento*. 4. ed. tomo. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1963.
SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e a especificidade da educação. *Em aberto*. Brasília, 3(22): 1-6, 1984.
SCHMIED-KOWARZIK, W. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. Trad. W.L. Maar. S. Paulo, Brasiliense, 1983.